

MARTINHO DA VILA



MARTINHO DA VILA



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

MARTINHO DA VIDA

 MARTINHO DA VILA

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Martinho da Vila, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Preparação: Wélida Muniz
Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Caroline Silva
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Fabio Oliveira
Ilustração de capa: Ilustrablack / OIO, agência de ilustração

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Martinho da Vila, 1938-
Martinho da Vila / Martinho da Vila. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
320 p.

ISBN: 978-85-422-2598-3

1. Martinho, da Vila, 1938 – Memória autobiográfica. 2. Compositores –
Brasil – Autobiografia. 3. Cantores – Brasil – Autobiografia. I. Título.

24-0137

CDD 927.8164

Índice para catálogo sistemático:

1. Martinho da Vila, 1938 – Memória autobiográfica



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

Dedicatória 5

Prólogo 9

1. Sonho que se sonha só junto 11
2. Isso não existe na cidade 15
3. Trabalho de brincador 35
4. A minha Vila é a Isabel 55
5. Não faço mal a ninguém 65
6. Canto livre 79
7. Pra fazer um Carnaval 113
8. A pura raiz do samba 133
9. Duas cidades 183
10. Um passarinho me disse 213
11. Burgueses são vocês 245
12. O país do futuro 257
13. O grande ideal do sonhador 265

Posfácio 275

Observação 279

Agradecimento 281

Na trilha da vida 283

Notas 307

CAPÍTULO 1

Sonho que se sonha só junto

Ao despertar de um sono solto em um hotel cinco estrelas de São Paulo, mirou-se no espelho e falou aos seus ouvidos:

— Impressionante! Como você conseguiu chegar até aqui? Para um negro galgar os degraus da escala social, a subida é difícil.

— Eu tenho uma boa estrela, me dediquei à música e me dei bem. E você, que é de origem humilde como eu?

— Meu destino eu moldei, qualquer um pode moldar. Deixo o mundo me rumar para onde eu quero ir. Dor passada não me dói e não curto nostalgia. Só quero o que preciso pra viver meu dia a dia. Pra que reclamar de algo que não mereço? A minha razão é a fé que me guia. Nenhuma inveja me causa tropeço, creio em Deus e na Virgem Maria. Encaro sem medo os problemas da vida, não fico sentado de pernas pro ar. Não há contratempo sem uma saída pra quem leva a vida devagar. Que os supérfluos nunca nos falem, nem o básico para quem tem carestia. Não quero mais do que eu necessito pra transmitir minha alegria.

Hospedado no 19º andar do confortável hotel, abro as cortinas da janela e vejo um imenso e redondo sol vermelho além dos edifícios, como se acima de uma serra, coisa rara no Planalto Paulista. Emocionado, elevo o pensamento a Deus e mando mensagens positivas para os meus familiares, amigos, pessoas conhecidas, para aqueles que trabalham comigo, e as assessoras que colaboram com meus ofícios e me

incentivam. Vou mentalizando nomes que vêm a minha cabeça sem desviar o olhar do astro-rei, estrela de quinta grandeza, como afirmam os cientistas, e sinto-me numa posição invejável. Não se deve desejar mal a ninguém, nem aos invejosos, mas vibro ao vê-los padecer com a própria inveja.

Em causa própria, pedi ao Criador do Universo que realize os meus sonhos justos e, antes de o Sol se esconder, agradei a Deus, Olorum dos candomblecistas e Zambi para os fiéis da Umbanda, por estar vivendo esses momentos e ter olhos sensíveis para admirar os fenômenos da natureza divina.

Anoiteceu, peguei o livro que estava pelo meio, o *Quincas Borba*,¹ do Machado de Assis, recomecei a ler e não consegui parar. Ao terminar, fiquei com a boa sensação que sinto sempre ao chegar ao ponto final de um livro. Falei comigo mesmo, exclamando em voz alta:

— Machado é o maior escritor brasileiro, quicá do mundo! A sua obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*² é fantasiosa e poética como quase todos os seus livros, plenos de citações reflexivas.

É julho do ano de 2016. Estou em São Paulo para participar de uma reunião com o Magnífico José Vicente, reitor da Universidade Zumbi dos Palmares, e combinar a minha participação na FLINK Sampa 2017 – 5ª Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra. (No ano anterior, eu tive a honra de ser o escritor convidado pelo curador daquela feira literária, Tom Farias, e fui homenageado na Noite do Troféu Raça Negra, evento anual da Unipalmares.)

Em um apartamento no mesmo andar do hotel em que fiquei, quase defronte ao meu, estava meu filho, o Preto. Me lembro de que, quando foi registrado com o belo nome, alguns parentes negros retesaram a face, e os brancos da família sorriram.

Naquele dia em São Paulo, o Preto bateu na minha porta convidando-me para dar uma volta pelos arredores e, depois, jantar. Achei que era uma boa ideia dar um giro naquele belo fim de tarde. Resolvi tomar uma ducha, ele também foi se banhar, demoramos a nos aprontar, anoiteceu e decidimos não sair. Jantamos em um dos restaurantes do hotel; de entrada, pedimos sopa de cebola. A comidinha estava

bem apetitosa; o vinho branco, decente. De sobremesa, um pudim de leite para dois, com duas colheres. Satisfeitos, fomos pitar na porta do hotel, em noite sem vento nem garoa e não muito fria.

Eu fumo que nem tabagistas de charutos, sem tragar. Fumar não é uma boa. O tabaco irrita a garganta e empretece os pulmões. O ideal é não fumar o cigarro inteiro, só dar umas pitadinhas, apagar e guardar a guimba dentro do maço. Assim dá para fumar o mesmo cigarro várias vezes. Passei esse hábito para o Preto, mas ele voltou aos tragos profundos.

Estávamos fumando longe do porteiro uniformizado, com casaca e cartola, um homem bonito. Mantivemos distância dele para não o importunar com a fumaça. Uma senhora que chegava, do tipo das adeptas à seita Tradição, Família e Propriedade, olhou-nos com cara de nojo e repugnância. O pessoal da TFP via os fumantes como perigosos inimigos da humanidade, e nos fitava de maneira repressiva. E não era maconha, benéfica para uns e maléfica para outros. A maneira como a velhota nos mirou parecia a dos conservadores do passado, que olhavam para um leitor do *Pasquim* julgando-o um subversivo da ordem estabelecida. Lembrei-me da ditadura militar, que cassava os políticos de esquerda, e me senti desconfortável, com a sensação de estar sendo reprimido, como foram no passado os militantes que eram partidários do socialismo.

Comecei a fumar aos quatro anos de idade. Isso mesmo, na primeira infância. Explico: na roça, nos primeiros anos de vida, eu engatinhava no terreiro de chão batido, e peguei a mania de comer terra. No interior, há muitas crianças que têm essa mania. Nas metrópoles, não, porque o solo está todo cimentado ou coberto por asfalto. Há pessoas que nunca puseram os pés na terra; no máximo, pisaram em areia de praia. Quando pequenino, minha mãe, Tereza de Jesus, ralhava comigo ao me ver comendo terra, e a vovó Procópia, mãe do meu pai, Josué Ferreira, disse para ela que, quando me pegasse saboreando terra, botasse um cigarro na minha boca, pois assim, sempre que me desse vontade de comer terra, eu me lembraria do gosto do cigarro e não comeria.

O problema é que gostei do sabor do fumo e, sempre que via alguém pitando, queria também. Se não me dessem, eu chorava e, para interromper o choro, deixavam-me dar uma pitadinha. Assim, por volta dos quatro anos, fui iniciado no tabagismo. Hoje, sou viciado, mas não compulsivo, consumo poucos cigarros por dia. Nos maços, obrigatoriamente, consta: *Este produto causa câncer*. Em mim, não, porque pito sem tragar. Um cafezinho e um cigarrinho após o jantar me dão um grande prazer. Tudo que é gostoso faz mal ou engorda, com exceção da prática sexual, um exercício saudável que queima as gorduras e diminui as tensões.

Epa! Onde é que eu estava mesmo? Ah! Lembrei. Falava de uma senhora que, com sua feia expressão facial, censurava a mim e ao meu filho por estarmos fumando. De volta ao quarto, vi umas bobagens em um canal de televisão, passei para outros e parei em um com a reportagem sobre uma adolescente que sobreviveu a um acidente de carro e ficou órfã. Faleceu toda a família. Fiquei triste ao pensar na morte deles, e me senti mal. Chamei o Preto e pedi que ele me ministrasse um johrei. Preto é messiânico, e johrei é uma oração silenciosa. No hotel, o meu quarto estava com muita luz; diminuí a iluminação e me deitei. O Preto sentou-se em uma cadeira próxima e, com uma das mãos sobre o peito e a palma da outra levantada em direção ao meu corpo, cerrou os olhos. Em silêncio total, pensei no Espírito Santo, baixei as pálpebras e imaginei uma onda de luz convergindo para o meu corpo. Ficamos imóveis não sei por quanto tempo; adormeci e só despertei na manhã seguinte, feliz.

CAPÍTULO 2

Isso não existe na cidade

Messianismo é uma prática religiosa, baseada em culturas antigas, que consiste na crença da vinda de um Messias divino, capaz de reorganizar e restabelecer a ordem econômica e social, além de promover o entendimento entre as pessoas de todo o planeta. Durante o sono após a sessão messiânica, sonhei que via a luz invisível baixar no cérebro dos compositores e que havia uma auréola sobre a cabeça de um musicista conhecido como Da Vila. No sonho sonhado, a luz se personificou, transformando-se em uma bela jovem, diferente do padrão de beleza universal. A luz, agora uma pessoa, era amiga íntima do compositor. No devaneio, eu me aproximei do artista, portando uma máquina fotográfica, com a intenção de fazer uma *selfie*. A senhorita Luz, também minha conhecida, se antecipou:

— Seja bem-vindo!

E nos apresentou, dizendo:

— Da Vila, este aqui é o sr. Ferreira, escritor que já foi militar e é seu fã.

— Já o conheço. Éramos amigos da Édina, arrendatária de uma cantina no antigo Ministério do Exército, onde você almoçava. Lembra-se?

— Claro. Uma boa lembrança que tenho de você é a da sua primeira apresentação na TV, no Terceiro Festival da MPB, em São Paulo. Eu estava lá. Se a sua “Menina moça” tivesse sido classificada

para a finalíssima, como queria a maioria da plateia do incendiado Teatro Paramount, não teria havido aquela cena dantesca do Sérgio Ricardo quebrando o seu violão.

A jovem, imóvel, permaneceu calada, até se afastar devagar e, sem se despedir, levantou.

As boas energias do johrei me fizeram bem e, em estado de graça, semiacordado, fiquei elucubrando com a continuação da nossa conversa:

— Como ela disse, eu sou seu fã, ou melhor, fanático. Se alguém fala alguma inverdade sobre você, eu reajo. Pode me considerar o seu maior amigo.

— E eu sou seu admirador, conte com a minha amizade, nascida ao ler uma biografia sua. Gostaria de saber mais sobre a sua vida. Estive em Duas Barras, cidade pequenina, tranquila e hospitaleira; está muito diferente?

— Não a conheci no passado, saí de lá muito pequeno. Meu pai, desiludido com a vida de meeiro, resolveu se aventurar no Rio de Janeiro. Ficou uns dias hospedado na casa do seu compadre Bertoldo, arranjou emprego em uma fundição, alugou um barraco na Serra dos Pretos-Forros, na Boca do Mato, e trouxe a família: Mãe Tereza, as filhas Elza, Deuzina, Nélia, Maria José, e eu. Não tenho lembranças de nada da minha primeira infância em Duas Barras, mas, de tanto ouvir falar, quando voltei lá, já adulto, tive a impressão de que tudo me era familiar. Daquele tempo para o de hoje, obviamente cresceu, mas mudou muito pouco. Mantém a calma e a hospitalidade. É o município mais tranquilo do estado do Rio de Janeiro.

— Você se referiu a meeiro, o que significa?

— É a função de um trabalhador rural que arrenda um pedaço de terra de algum proprietário para plantar, e lhe paga com a metade da colheita. Lá, o seu Josué era um lavrador incomum, não tinha patrão. Arrendava terras para cultivar, gozava de bom conceito entre os fazendeiros, alguns analfabetos, e, como sabia ler e escrever com boa caligrafia, era solicitado para fazer anotações de produção de algumas pequenas fazendas, das quais era uma espécie de guarda-livros. Alfabetizou os filhos de alguns fazendeiros, que o chamavam de Professor.